



**INSTITUTO
UNIBANCO**

| JOVEM DE FUTURO

boletim Jovem de Futuro
ed. 17 - 23 de outubro de 2015

 facebook.com/jovemdefuturo.official

Equidade racial é o tema do Boletim Jovem Futuro

Esta edição do Boletim Jovem de Futuro tem como tema principal a equidade racial, assunto central quando acreditamos na construção de uma sociedade cada vez mais justa e igualitária. O último Censo Demográfico (2010) apontou que, pela primeira vez na história do país, mais da metade da população brasileira (50,7%) se declarou negra ou parda. No entanto, as diferenças sociais entre brancos e negros ainda permanecem.

Como contribuir com o combate ao racismo e com a valorização da diversidade? Nesta edição mostraremos iniciativas da sociedade civil e de escolas parceiras do Jovem de Futuro que contribuem com a valorização da cultura negra e com a diminuição do preconceito e da discriminação.

Na seção Opinião, aprofundamos a discussão trazendo uma reflexão sobre a juventude negra no Brasil em uma entrevista com Larissa Borges, ex-coordenadora do Plano Juventude Viva do Governo Federal. Além disso, trazemos relatos de alguns gestores que participaram das formações realizadas pelo Jovem de Futuro no início deste segundo semestre.

Uma boa leitura e ótimas inspirações!

Escolas parceiras do Jovem de Futuro participam de formações no segundo semestre

Neste segundo semestre de 2015, foram realizadas formações presenciais para as escolas parceiras do Jovem de Futuro. Os diretores e coordenadores pedagógicos foram reunidos por Estado para debater e aprofundar questões centrais de aperfeiçoamento das práticas de gestão escolar orientada para resultados de aprendizagem.

As escolas dos estados do Espírito Santo, Pará e Piauí puderam conhecer e se aprofundar no processo de Planejamento -primeira etapa da metodologia proposta pelo Jovem de futuro para implantação de uma gestão escolar voltada para os resultados de aprendizagem.

Para Emiliene Pedrosa, diretora do Centro de Ensino Médio em Tempo

Integral (CEMTI) Desembargador Pedro Sá, do município de Oeiras no Piauí, os conteúdos abordados na formação proporcionaram reflexões importantes sobre os processos de aprendizagem dos estudantes e o planejamento administrativo da escola. "A formação trouxe suporte para nossa rotina de trabalho, pois sabemos que, como gestores, estamos em cada ato proporcionando, ou não, educação de qualidade para todos. Isso nos faz repensar atitudes e planejar melhor cada momento de aprendizagem e administração de nosso espaço escolar", afirmou a diretora.

Os encontros realizados com as escolas dos Estados de Ceará e Goiás destacaram aspectos impor-

tantes das práticas de gestão para o acompanhamento da execução do Plano de Ação. Além disso, foram rerepresentadas algumas das Metodologias Jovem de Futuro que podem ser utilizadas para potencializar as ações das escolas. Na avaliação de Crislane Palazzin, coordenadora pedagógica do Colégio Estadual Osório Rodrigues Camargo, de Abadiânia em Goiás, as formações são fundamentais para o acompanhamento e continuidade das ações. Para ela, um momento marcante deste último encontro foi o depoimento dado por um agente jovem. "Momentos de trocas de experiências e relatos de ações bem sucedidas são sempre muito inspiradores e ricos", afirmou Crislane.

Organizações ganhadoras de edital para equidade racial compartilham experiência

Dados do Censo Demográfico de 2010 apontam que mais de 3,8 milhões de brasileiros entre 4 e 17 anos estão fora da escola, sendo a maioria deles jovens negros e em situação de vulnerabilidade social. Além disso, a porcentagem de estudantes negros com mais de dois anos de atraso escolar é de 14%, o dobro da defasagem escolar registrada entre estudantes brancos.

Considerando esse cenário, o Instituto Unibanco, em parceria com o Fundo Baobá, a Universidade Federal de São Carlos (UFScar) e o Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), lançaram, no segundo semestre de 2014, o edital “Gestão Escolar para Equidade – Juventude Negra”. A iniciativa tem como objetivo estimular o desenvolvimento e a implementação de práticas de gestão escolar que contribuam com a melhoria da aprendizagem dos estudantes negros e negras do país. O edital, voltado para escolas públicas de Ensino Médio e organizações com interesse no tema, aprovou dez projetos em diversas regiões do Brasil cuja execução foi iniciada em janeiro deste ano e tem até dezembro para finalização.

O Boletim Jovem de Futuro conversou com representantes de dois projetos selecionados pelo edital, que contaram sobre os principais resultados alcançados até agora. Em Campo Largo, no Paraná, a organização não governamental (ONG) Nuvem, em parceria com o Colégio Estadual São Francisco de Assis, realiza o programa “Jovens Líderes para Equidade Racial”. Segundo Juciê Parreira, diretor executivo da ONG e gestor do projeto, as atividades realiza-



Juciê Parreira, diretor executivo da ONG NUVEM

das trazem reflexões que buscam identificar e desconstruir situações de racismo tanto na escola quanto na comunidade. “Os jovens são desafiados a compreenderem as dinâmicas e sociabilidades do racismo e exclusão racial no contexto escolar e na comunidade do entorno e a intervir nesses espaços com foco na promoção da equidade”, explica Parreira. Foram realizadas rodas de diálogo aberto, oficinas com profissionais e coletivos, vivências em projetos sociais, elaboração e execução de projetos na realidade local, dentre outras atividades que visavam a criação de espaços de reflexão e a troca de saberes entre todos.

Situações de preconceito e racismo dentro da escola são alguns dos fatores que contribuem para a evasão e comprometem o rendimento das estudantes negros. Por isso, o projeto realiza também formações com os professores e a equipe pedagógica da escola para que todos os atores escolares estejam envolvidos a temática

da igualdade étnico-racial. Para o coordenador do projeto, debater o racismo e a diversidade no contexto escolar contribui para a ampliação do olhar de professores e gestores para as relações entre brancos e negros e também dá maior visibilidade à cultura negra.

Segundo Parreira, depois que o projeto iniciou, os estudantes começaram a tomar mais consciência de situações de racismo que antes não percebiam e, desde então, nota-se uma significativa mudança de postura. Para ele, houve um aumento no número de alunos na escola que se auto declaram negros devido ao aumento da autoestima. “Acreditamos que os jovens negros apresentam o mesmo potencial de desenvolvimento que um jovem branco. Garantir e promover oportunidades, empoderá-los perante seus colegas, família e comunidade são meios para avançarmos na contramão de uma história que vem sendo construída negando potenciais de jovens negros que podem e vão promover mudanças”, afirma.

Também selecionado pelo edital, o projeto “ONNIM” é uma iniciativa da ONG Anarquistas Contra o Racismo (ACR) e da Escola Estadual Rubens de Arruda Ramos, de Criciúma em Santa Catarina. O objetivo do projeto é atuar junto aos gestores para efetiva implementação da lei que obriga o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas do país e, com isso, promover a valorização da diversidade étnica no ambiente escolar. Para isso, o projeto realiza atividades de formação e reflexão com o grupo gestor e professores abordando questões relativas às questões étnico-raciais no contexto escolar.

Além disso, o projeto ONNIM realiza encontros e atividades com um grupo de jovens negros da escola nos quais são apresentados aspectos relativos à cultura africana e afro-brasileira. Também são abordadas questões de cidadania, ética, direitos humanos, mídia e sociedade. De acordo com Ivan Ribeiro, coordenador do projeto pela ONG, um dos focos principais é empoderar os jovens negros e

ampliar suas oportunidades. Os jovens são convidados a planejar seu futuro, incentivando-os a darem sequência aos estudos e a concretizarem seus sonhos.

“O projeto mobilizou a comunidade escolar na luta contra o racismo. E o envolvimento dos docentes para trabalhar com a temática em sala de aula tem sido um ponto a se destacar”, reitera o coordenador. Para Ribeiro, o projeto vem “contribuindo para a formação de jovens, educadores e gestores comprometidos com o fortalecimento de uma sociedade na qual a equidade racial venha a ser algo efetivo e não apenas um sonho ou utopia”.

EDITAL GESTÃO ESCOLAR PARA A EQUIDADE: ELAS NAS EXATAS

O Instituto Unibanco, em parceria com o Fundo Social ELAS e a Fundação Carlos Chagas, lançou edital Gestão Escolar para Equidade: Elas nas exatas para incentivar a maior inserção das meninas em carreiras ligadas às ciências exatas e naturais. Tem algum um projeto na sua escola de redução da desigualdade de gênero com esse foco? Confira o edital completo e faça a inscrição no site: <http://www.institutounibanco.org.br/edital-elas-nas-exatas>

As inscrições vão até o dia 03 de novembro.

Prêmio educar incentiva ações de valorização da diversidade e disponibiliza acervo com práticas inspiradoras

Identificar, apoiar e divulgar práticas pedagógicas e escolares que promovam a diversidade étnico-racial nas escolas é o principal objetivo do prêmio “Educar para Igualdade Racial e de Gênero: experiências de promoção da igualdade em ambiente escolar”. Realizado desde 2002, o prêmio está em sua 7ª edição e é uma realização do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT) com o apoio de parceiros.

O Prêmio Educar deste ano trouxe duas inovações: a incorporação da abordagem de gênero com foco na valorização da mulher, em especial africanas, afrobrasileiras, quilombolas e indígenas, e da educação escolar quilombola. A premiação aconteceu no dia 15 de outubro.

A iniciativa busca contribuir para a implementação da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira nas escolas. O prêmio acontece em âmbito nacional e tem o reconhecimento do Ministério da Educação (MEC) como uma iniciativa inovadora na promoção da igualdade étnico-racial dentro do contexto escolar.

Para Antonio Carlos Malachias, coordenador do Prêmio, pode-se perceber claramente um avanço na qualidade dos projetos apresentados desde a primeira edição em 2002 até esta 7ª edição. Segundo Malachias, as atividades de promoção da equidade racial estão sendo inseridas e abordadas num contexto mais amplo das disciplinas escolares e da realidade dos alunos. “As práticas pedagógicas deixaram de ser desenvolvidas em datas específicas para abordarem temas muitas vezes ligados aos lugares que as escolas estão inseridas e outras vezes vinculadas aos temas mais estruturantes da história brasileira ou da vida social brasileira”, afirma o coordenador.

Até a 6ª edição, o CEERT já havia levantado mais de 2300 práticas escolares de promoção e valorização da diversidade igualitária étnico-racial. O acervo com todas estas experiências inspiradoras conta com práticas desenvolvidas em todo o Brasil e pode ser encontrado no site do CEERT.

Mais informações acesse:

http://www.ceert.org.br/premio_educar/

Escolas compartilham experiências de sucesso no combate ao racismo

Nesta seção você irá conhecer o projeto de duas escolas parceiras do Jovem de Futuro que realizam ações inspiradoras para a afirmação e a valorização da cultura negra e de combate ao racismo.

Colégio Estadual José Salviano Azevedo, em Santa Helena de Goiás, realiza o projeto “Mama África”

“Mama África significa “Mãe África” e é uma forma de demonstrar que nascemos de uma mãe forte e poderosa que merece respeito. O objetivo geral do projeto é valorizar o estudo da História da África e dos africanos; a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira, a valorização do negro na formação de nossa sociedade e, com isso, atuar na prevenção contra o racismo. O Projeto Mama África surgiu em cumprimento à Lei nº 10.639/2003 e pretende que os alunos tornem-se sujeitos do processo ensino-aprendizagem e agentes de uma história libertária de todas as desigualdades, principalmente raciais.

O projeto é realizado no período da celebração da consciência negra, 20 de novembro, quando é feito um resgate histórico sobre o trabalho escravo no Brasil. Os alunos refletem sobre como esse processo construiu o preconceito racial, que precisa agora ser desconstruído devagar, mas constantemente. Os alunos confeccionam maquetes sobre o trabalho escravo no Brasil e também sobre o Apartheid na África do Sul e no Sul dos Estados Unidos. O projeto é exposto e aberto à visita nos três turnos.



Geanismar Marques Lima Borges, professora do Colégio Estadual José Salviano Azevedo, em Goiás

Além disso, são realizadas atividades de teatro, dança, poesia, paródias em que as diversas expressões artísticas abordam questões relativas à valorização da cultura negra e ao combate ao racismo. Quanto maior a diversidade, maior é o espaço para a cidadania e o diálogo. Todos da escola abraçaram o projeto e acho que é por isso que ele dá tão certo.

Hoje eles sabem como é importante se colocar no lugar do outro. Possuem conhecimento da lei que não permite o racismo e não aceitam esse tipo de violência. Aprenderam a se defender e a defender essa causa brilhantemente. Isso evita o preconceito, a violência e, dessa forma, o ensino-aprendizagem ocorre num ambiente melhor e mais saudável. O aluno melhora, a escola mostra caminhos e a sociedade se transforma.”



Teresa Cristina F.S. Silva, diretora da Unidade Escolar Sigefredo Pacheco, no Piauí

A escola, em Teresina, realiza o projeto “Educação e Cidadania” de valorização da diversidade no ambiente escolar.

“Em 2013, observando alguns comportamentos dentro da escola, identificamos a necessidade de realizarmos ações de combate ao preconceito de modo geral e ao racismo em especial. Nesse período, o trabalho foi realizado de forma mais superficial através de conversas, esclarecimentos e até mesmo algumas advertências. Surgiram então algumas colocações de parte do corpo docente e discente para realizarmos ações de conscientização e aprofundamento no tema. Em 2014, iniciamos o ano letivo com o projeto “Educação e Cidadania”. O projeto foi apresentado aos alunos e cada professor abraçou um tema dentro do projeto usando a criatividade de todos

para elaboração e apresentação de atividades no pátio da escola. Iniciamos o ano com chave de ouro.

A abordagem do tema preconceito se deu por meio do conhecimento da própria palavra. Refletimos com os alunos como o preconceito pode gerar violência em suas mais diversas formas. Apresentamos vídeos, palestras, peças teatrais que ajudaram a esclarecer que não existe superioridade de raças.

Nosso maior objetivo é orientar para que cada um olhe para o outro e aja da mesma maneira que gostaria de ser visto e respeitado. Assim, estaremos dando um grande passo para oferecermos um mundo melhor para nós mesmos e nossos semelhantes.”

A Lei nº 10.639/03 foi aprovada em março de 2003 e torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana em todas as escolas, públicas e particulares, de Ensino Fundamental e Médio do país. A lei visa a promoção de uma educação que reconheça e valorize a diversidade, comprometida com as origens da sociedade brasileira, na qual os negros são considerados sujeitos históricos. Para isso, busca-se valorização do pensamento e ideias de importantes intelectuais negros brasileiros, da cultura (música, culinária, dança) e das religiões africanas. Com a Lei 10.639 também foi instituído o dia Nacional da Consciência Negra (20 de novembro), data que marca a luta contra o preconceito racial no Brasil.

Educadora e ativista do Movimento Negro, Larissa Amorim Borges fala sobre o preconceito racial no Brasil e a importância da escola no combate ao racismo



Larissa Amorim Borges, educadora e ativista do Movimento Negro

Educadora Social, mestre em Psicologia na área de Política e Identidade e ativista da Cultura Hip Hop, Larissa Amorim Borges foi coordenadora do Plano Juventude Viva iniciativa do Governo Federal que reúne ações de prevenção e superação da violência contra a juventude, em especial, a juventude negra.

Em entrevista ao **Boletim Jovem de Futuro**, ela fala sobre o preconceito racial no Brasil, a situação da juventude negra e o papel da escola no combate ao racismo.

1. Como a senhora entende a questão do preconceito racial no Brasil nos dias atuais?

Infelizmente, há muito preconceito no Brasil ainda hoje e a principal questão da existência do racismo é a desigualdade social. A maioria das pessoas pobres são negras e quando a gente olha pra diferentes categorias profissionais, a cor da pele muda. Isso não é porque as diferentes etnias têm diferentes vocações, mas porque elas têm diferentes oportunidades. Não é esperado que as pessoas negras estejam em determinados lugares, assim como também não é esperado que as pessoas brancas estejam em determinados lugares.

Assim, quando um rapaz branco, dentro do padrão de beleza socialmente criado, comete um crime há um estranhamento e questionamento por parte da sociedade como se aquilo não fosse possível. Do mesmo modo que um juiz negro enfrentará uma série de dificul-

dades, desde o acesso ao prédio do fórum até o exercício da própria profissão.

2. Como as políticas públicas brasileiras têm contribuído no combate ao racismo?

Há muito preconceito e discriminação no Brasil, mas também há muito enfrentamento ao racismo. Há um movimento negro organizado há muitos anos que vem pausando esse debate na sociedade e no governo.

A criação de leis, como a 10.639/2003 que obriga o ensino da história e cultura negra nas escolas, é um importante passo rumo ao enfrentamento ao racismo. Também há conselhos de promoção da igualdade racial criados por todo país. Muito já foi feito, mas ainda há muito por fazer e um caminho a percorrer. A população negra é mais da metade da população brasileira e o enfrentamento ao racismo não é responsabilidade apenas dos negros ou do Estado. Pessoas de todas as etnias devem se implicar no enfrentamento ao racismo, assim como todas as instituições.

3. Qual o papel da escola nesse cenário?

A escola tem papel fundamental na desconstrução dos estereótipos que recaem sobre a população negra. Muitas vezes, quando a criança negra vai para escola, ela começa a ser criticada pela cor da pele, pelo cabelo, pelas suas características físicas e com isso passa a experimentar um conjunto de privações ou humi-

lhações que estão relacionadas com essa construção do racismo que inferioriza a população negra. A escola pode ser esse lugar onde se tem o primeiro contato com o racismo ou pode ser o lugar de construção de referências positivas para o enfrentamento ao preconceito racial.

Na escola pode-se conhecer a história de Angela Davis, Martin Luther King [ambos ativistas negros norte-americanos], Carolina Maria de Jesus [escritora negra que trabalhava como catadora de lixo e cujos livros foram traduzidos para mais de 13 idiomas] e a partir do conhecimento da história desses sujeitos, os alunos podem construir referências positivas da cultura negra.

4- Como a senhora avalia os avanços alcançados pela lei que obriga o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas do país?

Muitas pessoas não conhecem o que é esse universo da cultura e história africana e afro-brasileira e antes de conhecer se recusam por ter uma ideia pré-concebida de que estes conteúdos não são interessantes ou muitas vezes são vistos como conteúdos “do mal” e que não são bons. Não se permitem conhecer o que de fato esse conteúdo, que é vastíssimo, pode oferecer para a comunidade escolar. Há muito que aprender.

A partir da criação da lei, várias ações têm sido feitas para que se possa efetivamente transformar a realidade das pessoas na escola. Percebeu-se um estímulo para produção de vários materiais pedagógicos que permitem trabalhar o tema em qualquer disciplina. Há vários insumos que permitem que os professores façam essa leitura em toda disciplina e mesmo nos espaços alternativos que a escola oferece. Em tudo que é possível aprender

e ensinar é possível falar sobre um mundo sem racismo e preconceito.

A gente tem uma grande riqueza de conteúdos disponíveis, mas infelizmente parte da população se priva desse direito de conhecer. A escola pode ser o lugar de empoderamento das pessoas negras e de construção de cidadãos mais conscientes dos seus direitos e capazes de respeitar os direitos dos outros. Queremos cada vez mais formar cidadãos que entendam que toda forma de hierarquização e discriminação prejudica os indivíduos e a coletividade.

5- De que maneira o racismo afeta os índices escolares dos alunos negros e alunas negras?

À medida que vive situações de discriminação e preconceito na escola, a criança ou o adolescente negro vai buscando formas de se proteger e uma forma de proteção é não estar nesses ambientes onde a prática de discriminação racial acontece. Então, para muitos alunos sair da escola significa também não estar presente em ambientes em que ele pode viver situações de racismo. Com essa saída dos jovens negros da escola, por não se sentirem reconhecidos e pertencentes, a gente perde nosso grande potencial de desenvolvimento do país que é a nossa juventude.

Infelizmente, a juventude negra brasileira tem sido a maior vítima de homicídios no país e isso tem uma relação com o racismo que impede esse estudante negro de ter acesso integral a seus direitos. Por isso, a gente precisa valorizar ainda mais a escola e reconhecer que ela tem um papel fundamental no enfrentamento ao racismo, na disseminação de ideias e práticas emancipadoras e também na consolidação de um ideário de uma sociedade capaz de respeitar sua diversidade e enfrentar essa violência racial.

A escola pode ser o lugar de empoderamento das pessoas negras. Queremos cada vez mais formar cidadãos que entendam que toda forma de hierarquização e discriminação prejudica os indivíduos e a coletividade.

Equidade racial

CENTRO DE ESTUDOS DAS RELAÇÕES DE TRABALHO E DESIGUALDADES (CEERT)

É uma organização não-governamental que produz conhecimento, desenvolve e executa projetos voltados para a promoção da igualdade de raça e de gênero.

- <http://www.ceert.org.br/>

A COR DA CULTURA

É um projeto educativo de valorização da cultura afrobrasileira. No site estão disponíveis para download gratuito vários materiais didático-pedagógicos que servem de inspiração para reflexão sobre o tema.

- <http://www.acordacultura.org.br/>

INDICADORES DA QUALIDADE NA EDUCAÇÃO

Série de publicações produzidas pela Ação Educativa com materiais inspiradores para comunidade escolar. Entre eles, foi publicado material específico sobre “Relações raciais na escola” que avalia práticas escolares e propõe caminhos para a construção de uma educação com a marca da igualdade racial.

- <http://www.indicadoreseducacao.org.br/>

